



Peregrino



EDITORIAL

Viajar com o coração aberto

MUNAY FLORES

Uma viagem sempre começa muito antes da data marcada e fica em nosso coração revelando seus segredos e presentes muito depois do retorno. Essa viagem se tornara ainda mais sagrada pois estávamos voltando ao núcleo de nosso sonho maior, a expressão mais antiga de vida em comunidade, uma inspiração única a como tornar Nación Pachamama cada vez mais humana e simples...

Assim, com a intensa presença de *hermanos* acordados, em unidade grupal, nos organizamos por toda a Geografia do Brasil, e fora dela, em uma campanha internacional para levantar fundos para expedição à Nación Querós, e retornar a rever esses sagrados povos originários dos Andes, e aprender muito dessa experiência.

Uma aventura onde oito guerreiros se dispunham a, estando a mais de 4.000m de altitude, levar tecnologias limpas e benefícios que permitissem uma melhor qualidade de vida. Assim, com cada qual saindo de sua cidade, iniciaram a peregrinação a essas distantes terras. Essa aliança espiritual iniciada em 2003 sempre respeitou a premissa de ajudar a partir dos pedidos da comunidade e assim este ano não fora diferente.

Entre cuidados com as alpacas, construindo um refúgio, vacinando e construindo o cercado e plantio de pasto; montamos fogões de alta eficiência para tirar a fumaça de dentro das casas, ombro a ombro com os *queritos*; instalamos painéis solares nas casas que ainda não tinham; construímos um forno chileno para os alimentos assados e uma estufa para diversificar as opções de alimentação da comunidade, também passamos orientações de saúde e entregamos sapatos fechados e meias, todas as atividades permeadas por um senso de camaradagem em íntima relação com nossos *hermanos*, adaptando-nos e mantendo o ritmo de trabalho de sua cultura milenar e sabedoria da terra, com paradas para *pichar* (oração com

folhas de coca), vibrando alegria e pureza de coração inocente na relação cotidiana.

Em meio à fantástica força da natureza que nos mostra na experiência o que é a permanência, *sim ou sim* acordamos nossa sensibilidade a esses guerreiros que vivem cotidianamente essa maravilha, um rigor em que a vontade é sinônimo de necessária sobrevivência, e por essa mão firme da vida nesse mágico espaço, permite que esses colibris toquem com sua leveza e harmonia sempre positiva e feliz nossos corações, onde a gratidão permeia tudo, sem cerimônias e rituais elaborados, como um ato contínuo de humildade e amor à Existência.

Abrir o coração a esse povo e voltar a acordar nossa ancestralidade e abrir-se a nossa natureza verdadeira, a despertar nossa inocente indianidade que nos torna unos, independente de raça, credo e posição social, estar em contato, participando cada um de sua forma, mas sensibilizando a sair de si, nos recorda de todos os tipos de ilusão que tanto vamos pela vida urbana alimentando como identidade e cultura. Em verdade, estamos perdidos e não temos consciência disso. Esse povo nos tira essa máscara e permite ver como somos seres profundamente mais simples.

A Campanha SOY LOCO POR TI QUEROS reuniu por meio de diversas ações de levantamento de fundos, como rifas, brechós, e recebimento de doações o valor para viabilizar a missão de outubro de 2014 a qual alcançou os objetivos propostos. A Campanha mantém-se aberta e ativa visando as próximas ações ainda em 2014 e em 2015. Expressão disso foi a realização de duas atividades em duas cidades diferentes do Brasil, no dia 22 de novembro: a Festa Peruana promovida pela Ong Pachamama em parceria com o Centro Peruano em Porto Alegre e a organização de um Bazar em prol da Campanha em Brasília. Querendo ajudar neste final de ano, acesse o site e conheça a campanha: www.soylocoportiquerros.com



Materiais para construção de fogões de alta eficiência e Invernadeiro, para adaptação das plantas. Chalmachimpana, Nación Querós, em outubro de 2014.

CHASKI AGUILAR

NESTA EDIÇÃO

PARCERIA ONG PACHAMAMA E FASE: GRUPO DE MEDITAÇÃO.....	2
CONHEÇA A PRÁTICA DOS 21 DIAS DA MÍSTICA ANDINA.....	2
POR UMA INTEGRAÇÃO CULTURAL.....	3
VIAGEM SAGRADA À ÍNDIA.....	4
PEREGRINAÇÃO AO JAPÃO.....	5
MAMAÁFRICA EN NACIÓN PACHAMAMA.....	6
ENAMORANDO A LITERATURA.....	7
PEREGRININHO.....	8
MEDITE COM A GENTE.....	8

ONG PACHAMAMA - PROJETOS EM ANDAMENTO

PROJETO PROPÕE MEDITAÇÃO COM MENORES AUTORES DE ATO INFRACIONAL

FRIDA RENÉE DÉDALOS

A ONG Pachamama, através de seus associados Jaisson Custódio (Bob Iriarte) e Amanda Letícia Numer Custódio (Frida Renée Dédalos), iniciou em maio deste ano uma atividade para levar a prática da meditação quinzenal aos adolescentes da FASE, Fundação de Atendimento Sócio-Educativo do Rio Grande do Sul. A intenção é levar consciência aos adolescentes focando em valores positivos e que serão o futuro da nação, os adultos de “amanhã”.

O projeto da ONG Pachamama junto a FASE tem o objetivo de ensinar os adolescentes a meditar e assim proporcionar-lhes “um re-pensar” sobre o que lhes foi ensinado durante a sua infância e adolescência instigando-os a mudança de valores por eles assimilados até então, trazendo-lhes o benefício de estar em paz, em harmonia e a oportunidade de aprender uma técnica que pode melhorar sua qualidade de vida no atual momento em que se encontram e para o futuro, auxiliando-os a reingressar mais harmonizados no convívio social.

Através de doações dos membros da ONG Pachamama, em setembro desse ano, o grupo de adolescentes praticantes da meditação e os funcionários da Instituição que nos ajudam na realização do projeto, foram contemplados com um manual de um curso chamado Prática dos 21 dias, escrito por Lucidor

A FASE é responsável pela execução das medidas sócio-educativas de internação e de semiliberdade determinadas pelo poder judiciário a adolescentes autores de ato infracional.

Flores, inspirador dos grupos de meditação da Mística Andina espalhados pela geografia brasileira, principal articulador da criação da ONG Pachamama e de sua expansão como uma área de serviço coletiva.

A participação dos jovens na meditação é optativa; a aceitação foi crescendo aos poucos. E hoje o grupo de adolescentes dobrou. A atividade está se realizando com êxito, eles demonstram equilíbrio e um respeito admirável, tanto nos momentos de introspecção quanto nos de “bate-papo” e música, realizados após a prática meditativa.

Com o objetivo de transmitir valores e uma “nova” consciência, trazendo uma forma de olhar a vida através de outro prisma, realizamos práticas complementares, ajudando os adolescentes a perceberem-se melhor e à suas emoções e a melhorar sua conduta, estimulando o autoconhecimento. Os funcio-



Participação da ONG Pachamama no evento da FASE, Porto Alegre, em novembro de 2014.

nários da Instituição têm nos relatado uma modificação gradativa na conduta dos adolescentes, e afirmam também que o associado Jaisson Custódio está tornando-se uma referência masculina na vida desses adolescentes, geralmente carentes de uma figura paterna. O casal que está à frente do projeto afirmar sentir-se muito gratificado em realizar esse

trabalho social e estão muito felizes com os resultados da atividade.

Em novembro, a ONG recebeu convite da FASE para participar do lançamento da cartilha “Movimento ensinando a mudança: em busca da felicidade”, contribuindo com um texto e uma fala durante o lançamento na Câmara dos Vereadores em Porto Alegre.

EXPEDIENTE

O PEREGRINO é um informativo da Associação Pachamama, expressão do Movimento Mística Andina e da Nación Pachamama. Circula em mais de 20 cidades brasileiras, permite que o vento o leve, sem constituir sociedade, seita, nem instituição. É organizado por voluntários. Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

CONSELHO EDITORIAL: Lucidor Flores (Gerardo Bastos), Isolda Molina (Marissol Iglesias Bastos), Melusina Iriarte (Rosângela Maria da Silva), Radha Dédalos (Maria Cristina Marques), Susana Renée Sandoval (Sonia Motoyama), Violeta Molina (Germana de Oliveira Moraes) e Esmeralda Molina (Mariana Franco).

EDITORA-CHEFE: Melusina Iriarte (Rosângela Maria da Silva)

COLABORADORES: Alana Dédalos (Olívia Viecelli Zago), Amankay Sandoval (Michele Berneira), Frida Renée Dédalos (Amanda Letícia Numer Custódio), Jurema Mendizabal (Janis Regina Gonçalves), Kalypso Obelar (Camila Hummel), Kristiano Aguilar (Paulo Belim), Lucidor Flores (Gerardo Bastos), Melusina Iriarte (Rosângela Maria da Silva), Munay Flores (Leandro Nunes da Silva), Sheik Dadiarra Modibo, Susana Renée Sandoval (Sonia Motoyama), Valentim Aguilar (João Pedro Passos Dutra) e Zulema Mendizabal (Marília Rabelo de Castro).

FOTOGRAFIAS: Chaski Aguilar (Fernando Cardozo), Esmeralda Molina (Mariana Franco), Isolda Molina Flores (Marissol Iglesias Bastos).

JORNALISTA RESPONSÁVEL: Zulema Mendizabal (Marília Rabelo de Castro) - DRT/CE :259

EDITORAÇÃO: Celina Iriarte (Anelise De Carli)

FOTOLITOS E IMPRESSÃO: Grupo Sinos

CONTATO: iriartemelusina@gmail.com

TIRAGEM: 3.000 exemplares

VIVA A DIVERSIDADE

CULTURA: PASSADO OU PRESENTE?

JUREMA MENDIZABAL E KRISTIANO AGUILAR

Hoje acordei, num suspiro de inspiração, sentindo essa *latinidade* que corre nas veias de todos os seres humanos, quem sabe mesmo, num aspecto mais amplo, sentindo a essência da humanidade que corre em nossas veias. Muitas vezes pode soar engraçado, pois mentalmente sabemos que somos humanos, mas trazer essa borbulha humana de umidade de um coração vivo, intenso, para o sentir, é um novo passo.

No Brasil, a cultura popular é muito rica e muito humana, pois em suas expressões culturais múltiplas, traz o dia-a-dia, de maneira alegre e festiva, traz uma história latente de América Latina unida. Traz o sertanejo como o “caipira” que sempre está em nosso imaginário poético e artístico, traz os folguedos afrodescendentes, danças e cantigas de roda vindas da Ibéria, que simbolizam toda uma resistência ancestral. Uma atmosfera que nos liga a uma humanidade universal, que ultrapassa peculiaridades culturais.

Uma dessas expressões latinoamericanas é o realismo mágico que se expressa nessas rodas manifestadas por um povo lutador, que canta, chora, e dança. O coração palpita e pulsa freneticamente quando ouvimos o toque do tambor, o toque de um berimbau, do atabaque, do pandeiro, ou o canto de uma pessoa na rua rimando com um companheiro. Quem nunca parou e se sensibilizou com as frases, ladainhas, repentes, cantigas que expressam a dor de um povo? Ou riu com os causos e estórias fantásticas e ao mesmo tempo tão reais?

Imaginem... isso corre em nossas veias. Mesmo quando não podemos detectar as origens de nossos ancestrais diretos, podemos intuir: somos herdeiros de uma alma coletiva índia, negra, amarela, branca, que nos compõe e que empresta suas asas de passado para influir no nosso futuro, para criar um novo presente.

Podemos estar no sertão nordestino, onde a seca obriga famílias a deixar para trás a sua terra, sua casa e parte da sua identidade, para se lançar no mundo, confiando que há um lugar melhor, onde a sagrada vida seja possível, onde haja um futuro, onde haja água. E mesmo quando as encontram, águas ou promessas, se deparam com mais injustiça e exploração. Podemos mudar para o cenário urbano, talvez mudemos algumas palavras dessa história, mas a situação se repete também na grande seca de afeto que nos aflige nas cidades, com sua riqueza de confortos que geram uma escassez de outra natureza... na alma! Mas ainda assim, cidade ou sertão, de carro ou carroça, o Ser pode escolher retirar de sua bagagem sensível o néctar florido da humanidade, e com o colorido intenso da

própria vida que guarda em si, pinta e transforma toda adversidade em riso, poesia, dança e arte. Essa é a nossa ancestralidade. Isso é América Latina!

Fazer parte dessa história é valorizar a essência pueril que existente em cada um, através de práticas artísticas inspiradas nas manifestações da cultura popular brasileira, que resgata de maneira espontânea os valores necessários para o desenvolvimento integral de um ser humano. Coletividade, amor, compaixão, e insurreição social.

Encontramos esse fator lúdico na maioria das manifestações culturais brasileiras. Essas brincadeiras possibilitam a liberação individual do imaginário Ser brasileiro, faceiro e gozador, que apesar de uma vida sofrida encontra nessas narrativas, cantos e danças, formas de retratar sua vida, brincando com os acontecimentos do dia-a-dia e dando leveza à dura realidade. Expressando, enfim, sua alma subjetiva e coletiva.

As cores vibrantes, as cantigas, os ritmos alegres e dançantes trazem a libertação do indivíduo, calejado pelo penoso trabalho físico e pela exploração, seja sob o sol de enxada na mão, ou preso em ar-condicionados e celulares. A reunião de pessoas em torno desse momento de arte cotidiana, torna possível o surgimento do sentimento de pertencimento a uma comunidade e também a uma nação. E mais que uma simples expressão lúdica, esse jorro de cultura viva, de cultura como ação cotidiana, representa o principal ponto de resistência contra o apagamento da identidade de um povo, pois é no discurso leve e espiritualoso onde se pintam, com as cores da peculiaridade local, o grande quadro do ser humano cósmico.

A cultura popular conta histórias e mostra distintas realidades, ao mesmo tempo em que expressa uma essência presente em todos os brasileiros, que se identificam ao descobrir semelhanças e diferenças individuais e coletivas através das manifestações artísticas. Estimular estes sentimentos e reflexões é proporcionar um encontro com a nossa identidade.

Conhecendo nossas raízes vivas, abrimos a possibilidade do descobrimento de quem realmente somos, ainda que no momento da leitura desse texto, sequer suspeitemos. E a partir daí, poderemos nos desenvolver como seres plenos, traçando os nossos caminhos entrelaçados com outros caminhos mais, nos relacionando, fortalecendo e compreendendo que mesmo sob o manto de uma contemporaneidade que tudo faz para nos adormecer, é sim possível resistir, encontrar-se, encontrar o outro e, caminhando e cantando, mudar nossa história.

CONSCIÊNCIA NEGRA E NAÇÃO PACHAMAMA

ZULEMA MENDIZABAL

Não podemos aceitar a peneiraque nos separa. Somos uma só raça, - a raça humana” (Dadiarra Sheik Modibo)

“A sincronicidade foi perfeita. Convidamos Dadiarra Sheik Modibo para uma visita e uma conversa aberta ao público, para a quinta-feira (20 de novembro), dia das meditações abertas na Casa da Luz, em Fortaleza. No dia do encontro, nos demos conta que era o Dia da Consciência Negra. Por causa dessa “coincidência”, houve uma boa repercussão na divulgação - apesar de poucos dias para isso - inclusive com registro num site ligado ao Ministério da Educação.

Uma mescla de membros e simpatizantes do Movimento Mística Andina e da Nação Pachamama (um lugar que não é um território físico, mas um território interior e de ações voltadas para criar um mundo mais tolerante, amoroso, alegre e que aceita as diferenças) e pessoas ligadas aos movimentos e questões da consciência negra, se fizeram presentes ao encontro, que teve tradução do professor africano Basilele Malomalo, do francês para o português.

Basilele, na sua apresentação do Sheik, ressaltou que Dadiarra Modibo representava uma fusão entre a África profunda e a moderna e que o Islã africano, ao qual o sheik é ligado, confronta as tradições.

Declarando-se acima de tudo como um humanista, o sheik admitiu que por vezes adota posturas contrárias a posição da sua religião, o islamismo. Com um perfil ecumênico e aberto de atuação junto as minorias, ele vai costurando pontes por onde passa, procurando ajudar grupos de refugiados, homossexuais, crianças e adolescentes, negros.

Essa maneira mais aberta de vivenciar a espiritualidade associada às demandas sociais, ao jeito africano, que muito lembra a nossa maneira brasileira, inclusiva, levou o sheik ao III Encontro da Nação Pachamama, em Beberibe, Ceará, em maio deste ano. Entusiasta da proposta da Nação Pachamama, ele afirmou na conversa na Casa da Luz que a Nação Pachamama está “no caminho que Deus santifica” e que trata-se de “um espaço de vida que muitos deveriam copiar”.

Um dos pontos abordados por Dadiarra Modibo foi a mentalidade colonizadora existente no mundo e afirmou que 80% do que se diz sobre a África não é verdade. “Os colonizadores não querem que o Brasil se aproxime da África e de outros países”, disse, referindo-se basicamente aos Estados Unidos e a Europa. Quando ele falou isso, não pude deixar de fazer uma associação com a

política externa do Brasil nos últimos anos, a partir do Governo Lula, de abertura para o continente africano. Para além dos aspectos econômicos, iniciativas como a UNILAB (Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira), integrada em grande parte por alunos africanos, marca essa sinalização de maior aproximação e valorização da cultura da África, até porque nosso país é o que é, devido as nossas origens negras. É daí que vem, segundo Dadiarra Modibo, o humanismo no Brasil, uma herança africana, no seu entender.

Falando um pouco de características do povo africano, disse que a palavra é tudo para o africano. “A palavra transforma, constrói, amplia, acalma, motiva, cura, mas pode matar”. Ainda sobre a palavra, disse que a melhor palavra, a mais inteligente, se adquire com a idade. Não por acaso - lembrou - quando um pessoa velha morre na África é como se acabasse uma biblioteca.

Depois de responder a questões da plateia sobre minorias (ressaltou que o homossexualismo na África é mais reprimido do que aqui no Brasil) Dadiarra Modibo fez referência à Comunidade Madinatu Munawara (CMM), no Senegal, que abriga crianças e adolescentes e tem por missão “por na prática o grande e imenso amor pelo outro pregado pelo profeta do Islã”, conforme material impresso que entregou em uma reunião com discípulos da Mística Andina de Fortaleza.. Nesse momento, o grande sonho do sheik, também conhecido como Grand Papa, por seus discípulos e integrantes da Comunidade de Munawara, é construir uma Escola nesse lugar do Senegal, com espaço para outras atividades.

Quando esteve no Encontro da Nação Pachamama, Dadiarra Sheik Modibo entregou a chave simbólica da aliança da CMM com a Nação Pachamama, reforçando os laços iniciados com a visita de Violeta Molina e Artemisa Aguilar, pela Nação Pachamama, à África, especialmente na Comunidade Madinatu Munawara.

Para além das palavras, o sheik deixou com seus gestos, com seu profundo e carinhoso olhar, permeado por um poder pessoal que emana de algo maior, a impressão de que Mama África tem muito a contribuir com a construção da Nação Pachamama, uma Nação que abrange todo o planeta e acima de tudo, depende de todos nós, seres humanos.

VIAGENS INICIÁTICAS

UMA ÍNDIA SENSORIAL

KALYPSO OBELAR

Ir à Índia é vivenciar de maneira orgânica, por todos os poros, células, todo o corpo físico e sutil, a experiência da não dualidade. É um tanto assustador no princípio. O trânsito sem regras, sem faixas e quase sem mão, onde carros, pessoas, animais, bicicletas, cortejos fúnebres, motos e tuktuks dançam desregrada e harmonicamente numa sinfonia vibrante de buzinas e tambores que ensurdece e invade, levando o ocidental de primeira viagem a se questionar: quê que estou fazendo aqui?

Não que não quisesse estar ali, mas é que nada pode preparar o iniciante para adentrar nos caminhos da sagrada Índia. Lemos, meditamos, intentamos, escolhemos as roupas, os sapatos e até os probióticos, por precaução intestinal... escolhemos com amor o caderninho e os lápis de cores... compramos a passagem, deixamos recomendações pros filhos, trocamos o dinheiro, estudamos o roteiro... mas nada há que possa aproximar, ainda que minimamente, o educado peregrino de sua futura experiência.

Uma experiência bastante surrealista, eu diria, com inexploradas harmonias, cheiros, cores, sabores, texturas... um dedilhar das cordas intocadas dos sentidos. As comas e semitons incompreensíveis ao ouvido treinado, educado a separar as frequências sonoras em nota e não nota. Que mesmo que insista, está enraizado na lei da separatividade, que não é um conceito, mas algo profundamente concreto e real. Nossos sentidos separam o tempo todo. Eles nos dizem que dó é dó e dó# é dó# e que entre eles não há música, mas desafinação. Doce não é salgado e tampouco pode ser apimentado, ou é isso ou aquilo. Não se veste fúcia com laranja pois esteticamente não combina e é inimaginável a possibilidade de se estar num espaço físico que cheira a sândalo, massala e cocô de vaca, tudo ao mesmo tempo.

E o peregrino, com os sentidos entorpecidos, fica paralisado no meio do cruzamento. Embalado pelas buzinas e motoristas que aparecem de todos os lados, ele começa a ver no trânsito aparentemente caótico uma dança orquestrada, uma grande sinfonia de bailarinos e Oooooom's. Ele sente a si mesmo como parte dessa dança e enxerga todo seu ser diante de uma profunda encruzilhada. E se escolhe seguir adiante, eis que surge o ponto de virada. Ele cruza. Deixa de lutar e entrega-se a ao fluxo sensorial profundo, misterioso e inebriante da peregrinação. Nosso mestre nos diz que é quando baixamos as defesas e deixamos que a Índia penetre o Ser.



Ganga Ma, Rio Ganges, Peregrinação à Ásia, em outubro de 2014.

dos, fica paralisado no meio do cruzamento. Embalado pelas buzinas e motoristas que aparecem de todos os lados, ele começa a ver no trânsito aparentemente caótico uma dança orquestrada, uma grande sinfonia de bailarinos e Oooooom's. Ele sente a si mesmo como parte dessa dança e enxerga todo seu ser diante de uma profunda encruzilhada. E se escolhe seguir adiante, eis que surge o ponto de virada. Ele cruza. Deixa de lutar e entrega-se a ao fluxo sensorial profundo, misterioso e inebriante da peregrinação. Nosso mestre nos diz que é quando baixamos as defesas e deixamos que a Índia penetre o Ser.

E ela vem. Ah, como vem... atravessa as janelas dos sentidos com toda sua organicidade, sua riqueza desconhecida, e o apimentado abre mão de sua identidade única para tornar-se um coletivo de sabores em comunhão... Os sons vibram internamente e dedilham cordas virgens, revelando o instrumento sonoro inusitado, inaudível e não pronunciado da alma. E o cheiro da Índia se aprofunda e cria raízes, tornando-se uma lembrança primitiva e vital...

Ah... a Índia sensorial é, dentre tantas metáforas, uma tentativa de traduzir o intraduzível. Olhar a experiência pela via humana,

viva, profunda e tão materialmente sutil. Um constante surpreender-se, deliciar-se, encantar-se com a infinitude não dual de cores, cheiros, aromas, texturas e sons... Que em suma – quisera eu me diluir ali – é a fronteira infinita e misteriosa entre essência e forma, onde dançam e se enamoram Shiva e Shakti.

Saimos rumo a uma peregrinação tântrica. E voltamos. Mas a viagem nunca termina, ela apenas se inicia. Somos constantes recém-chegados aos confins do agora, aos cafundós do Ser. E seguimos, peregrinos de instantes, amantes da poesia da vida.... até a próxima viagem.

ISOLDA MOLINA FLORES

PEREGRINAÇÕES SAGRADAS

TOKYO'S BLUES

LUCIDOR FLORES

Sobre os bambus, onde os pardais trinam, brilha a luz do sol e toma a cor do outono.

Disperso nos trevos do jardim, o vento outonal invade os ossos.

Sobre o muro, o sol da tarde desaparece...

Aqui se unem prodígios, milagres tecnológicos, se juntam exceções, e o ser sente que se iluminam os dias e assim com esse jeito dos japoneses de dizer “arigatô” inclinando a cabeça e rindo com os olhos, sinto que vamos rompendo o silêncio dos deuses...

Descobri aqui que a vida é muito mais que uma simples viagem da obscuridade antes de nascer à obscuridade depois de partir... aqui se revelou algo vasto e místico... algo que faz que homens, deuses e faunos convivam nesta ilha bela e profunda... há uma fratura da ausência nessa gentileza sutil, há uma ânsia de domesticar o tempo nessa organização luminosa de sorrisos e paciência...

Neste tempo onde tudo são subtrações, crises e ultrajes à consciência da humanidade e a Pachamama, onde os emissários da ruína em insensatos exércitos de notícias e estatísticas nos envolvem com mentiras letais e dogmas petrificados, senti a resposta de Pachamama aqui, nesta distante Tokyo, em Kyoto, em Hakone, lugares tão antigos como profundos. E sua resposta é: a humanidade e a palavra liberdade pertencem uma a outra em um vínculo de gentileza e sutil espiritualidade. Entendo que o único importante é a “compreensão” do espírito deste tempo... este tempo latino-americano e o tempo deste mundo tão bonito, que me entristece ver como estou indo...

Estivemos peregrinando na Índia, na antiga e sagrada Mãe... e missionando no Japão, trazendo o perfume dos *apus* Huaman Lipa, Uritorco, Ausangate, Machu Picchu, Huayna Picchu, Mamita Putucusi, Pachatusan, Mamita Veronica... e hoje escrevo olhando esta janelinha desta Tokyo que tem gosto a *blues*, a esta harmonia em movimento... ainda como hoje, chovendo e com terremoto...

Esta Tokyo, controversa, polêmica, nos presenteia portais, a nós, os últimos obreiros do desinteresse... aqui, querido leitor, posso ver que a vida é muito mais do que a mente diz, e podemos reinventar suas fronteiras... para que assim o Amor, a morte, a agonia voltem a significar, para que regressem a seu hemisfério sagrado, e possamos caminhar de outro jeito... do jeito de Nación Pachamama.

Aqui me foi revelado o futuro, nestes homens e mulheres carregados de uma ardente paciência... de uma gentileza de cristão, de uma espiritualidade disposta a reinaugurar a vida, seus cantos, suas cidades, seus encantos, como Hiroshima, Nagasaki...

Aqui a arte, pura e rebelde, trapezista viva, se transformou no último tradutor de todos os matizes da humanidade... ainda em meio das vozes de morte do fim da Segunda Guerra, a esperança não foi vencida... e milhares de portas novas adiantaram um universo de possibilidades em todos os lugares do Japão...

Sabe, querido irmão leitor, todo homem, toda mulher é único e intransferível, é tão precioso como o sonho que encena, porém só a arte pode intuir isso... falo do homem e mulher no caminho... o que procura seu espelho no labirinto, onde tudo é ritual e mistério... onde o relâmpago ao iluminar-lhe o humaniza... e lhe devolve este algo imperceptível que chamamos esperança...



Templo Ryoan-ji, Kyoto, Peregrinação ao Japão, em novembro de 2014.

Hoje estou aqui, sentindo o antigo som de blues espiritual desta cidade... e sinto o despertar de Nación Pachamama por todos os cantos, e repito como um mantra a Rimbaud: “farei do amor minha casa, da rebeldia minha lei, da antecipação meu tempo.”

O uaiiki, um companheiro na Nación Pachamama, não amará a história dos vencedores, sua função será não estar só com os que a fazem, mas sim com os que a padecem...

Nesta missão aprendi a não desapreciar nada, e a obrigar-me a compreender e não a julgar... e pediria que não reine o juiz mas sim o criador... apesar do tempo que parece distanciar a Nación Pachamama da sociedade atual, sinto que está cheio de amigos dispostos a ajudar, a colaborar gentilmente com este sonho, e isto adoça o SER... e a dor de sonhar e a alegria de servir vão se unindo e aproximando a todos... sinto que podemos ser muito mais e mais ativos e vibrantes em semear Nación Pachamama... só faltamos nós - vibrantes, intensos semeadores!

Nesta vivência do *blues* do Japão tenho visto como diariamente se esforçam na perfeição e na harmonia, sem deixar jamais o compromisso... penso nisto e me vêm as comunidades camponesas à visão interior, poderíamos fazer tanto nelas...

Porque assim chegará a nova vida e terá seu rosto o novo momento de amor e paz... chegará a vencer a todas as opressões, as guerras e os rios de sangue, e estará nos corações de todos os seres como uma nova presença viva... e nem os dilúvios nem as pestes, nem as fomes nem os cataclismos, nem sequer as eternas guerras religiosas conseguirão reduzir a vantagem tenaz da vida sobre a morte...

Aqui deixo meu testemunho lúcido e humilde, de escutar este *blues*, com gosto a chuva, como um conjunto de alegações contra aqueles que postulam um crepúsculo do homem...

Somos como um rio obstinado no qual nos banharemos perpetuamente... espelhos onde brilha o verdadeiro reflexo de nossa infinita essência; sinto este *blues*, e tu?

ISOLDA MOLINA FLORES



Escola Espiritual
www.misticaandina.com.br

“Por entre ensinamentos de uma **mística viva**, um **caminho sagrado** para **despertar**”

Cursos: { **Devi Yoga**
Peregrino do Coração

Informações no email:
escolaespiritual.ma@gmail.com



SETEG
SERVIÇOS TÉCNICOS EM GEOLOGIA LTDA

Licenciamento Ambiental
Elaboração de Estudos e Laudos Ambientais
Avaliação da Viabilidade Ambiental de Projetos
Pesquisa e Prospecção Geológica
Avaliação Econômica de Jazidas Minerais
Levantamento Topográfico
Projetos de Carcinicultura

Edmar Ximenes
GEÓLOGO
Matheus Fontenelle
BIÓLOGO

Av. Santos Dumont, 1343 - Sala 504/505
Aldeota - CEP: 60150-160 - Fortaleza/Ce
Fone/fax: 85 3253.2868 - cel: 9957.5082
e-mail: seteg@setegce.com

NACIÓN PACHAMAMA NA ÁFRICA, BERÇO DA HUMANIDADE

SHEIK DADIARRA MODIBO

A Comunidade Madinatu Munawara é uma associação que luta pela educação de crianças e adolescentes. É uma associação sediada no Senegal, na África ocidental. Ela faz um trabalho meramente caritativo proporcionando uma ajuda inteiramente grátis à essa faixa da população extremamente vulnerável que são os órfãos, as crianças de famílias humildes, as crianças de rua e os casos sociais.

Essa linha de pensamento faz parte do conjunto de filosofia defendida pela Nación Pachamama. Filosofia esta que pensa na transformação positiva do indivíduo, apostando e acreditando nos ideais de Amor, de Bondade, de Paz, de Solidariedade e, sobretudo, de Igualdade. Pois quando a mística andina e a mística africana se encontram só pode surgir a luz que afugenta a escuridão do ódio, da guerra, do racismo, do preconceito, da arrogância, da falsidade etc.

Os líderes da Nación Pachamama entenderam tão bem essa mensagem que numa colaboração inédita com a África fizeram uma visita histórica na sede da Comunidade Madinatu Munawara no Senegal Keur Baba Alima região de Thiès/ Tivaouane. O primeiro líder, o senhor Lucidor Flores, tido como o símbolo da Nación Pachamama, o Grande Mestre é e continua sendo a fonte de vida, articula uma nova forma de vida, simples, onde o homem vira criança, onde a mulher vira mãe, onde a criança cresce sem medo e sim, na maior confiança. Eis a Nación Pachamama, uma comunidade que aproxima o homem da natureza, e a natureza do homem. Uma comunidade consciente, que conscientiza a respeito da importância do homem no Planeta, um homem mais justo, mais saudável, mais amoroso. Falar-se no homem remete a falar da mulher que é VIDA. Mas será possível se referir a Nación Pachamama sem tocar nos Bailarinos da Luz? Não. Por isso, vamos dizer que eles brilham como as estrelas na noite, apaziguam como a música ilumina o coração das crianças, e as crianças de Madinatu Munawara não dirão o contrário. Os ritmos, os passos de dança dos Bailarinos da luz, o sorriso deles, o olhar deles guiam na escuridão como a bússola guia o perdido do mar e da floresta.

Os dias 11 a 16 de maio de 2014 ficaram gravados na História de Madinatu Munawara, e mais ainda no coração dos habitantes e das crianças de Keur Baba Alima. Aqueles dias foram marcados solenemente pelo primeiro tijolo do Proje-



Encontro de La Nacón Pachamama, Beberibe (Ceará), 2014.

to de construção da escola e prédios para as crianças. Violeta Molina e Artemisa Aguilar foram as dignas representantes da Nación Pachamama, e há de ser reiterado, as dignas representantes dos Bailarinos da Luz. Um dos grandes momentos cheios de muita emoção foi o encontro com a centenária Santa e Honrável Mama que através delas abençoou a Nación Pachamama, e lhes entregaram a simbólica Chave da África. Uma chave repleta de significado que reconecta, reconcilia a Nación Pachamama com o berço da Humanidade.

Este dia foi o dia do Amor, da Solidariedade, da Igualdade, da Compreensão mútua e instintiva, pois a língua desistiu de ser obstáculo, era preciso ver Violeta, Artemisa e as crianças juntas, correr, dançar, brincar. Sem exagero foi um pequeno paraíso. Todas as idades participaram do evento, os mais velhos, as mulheres, todos cantaram uma canção de homenagem a Nación Pachamama.

É desta forma que a aliança entre a Nación Pachamama e Madinatu Munawara foi lançada.

Outra figura de suma importância, Serigne Khadim Mbacke fez fortes orações em direção da aliança, seguido nisso pelo chefe da aldeia Abdoulaye Cissé, e principalmente pelo grupo de mulheres Mame Diarra. Grand Papa, fundador de Madinatu Munawara que se identifica nos princípios e na filosofia do Mestre Lucidor, ficou feliz e se juntou a todas as pessoas mencionadas nas linhas precedentes, sem esquecer seu filho o Prof. Dr. Basilele Malomalo, e ao pequeno Lucas para dizer MUITO OBRIGADO a Nación Pachamama.

Para terminar desejamos pleno sucesso ao Jornal Peregrino da Nación Pachamama com quem pretendemos trocar experiências, e informações, e quiçá uma página em francês!

Nación Pachamama e Madinatu Munawara: Salve uma alma pura, salve o mundo!

REAVIVANDO VALORES

SOMOS UMA SÓ NAÇÃO

AMANKAY SANDOVAL

Nascemos na unidade, plenos de amor, alegria e muita curiosidade. Com o passar dos anos a educação formal, a família e a escola vai aos poucos mostrando que tudo é categorizado, gosto, não gosto, afinidades ou interesses, e que precisamos nos destacar, pois o “mundo é competitivo” só os “melhores” tem chance e assim nos parece que é a Vida.

Comparamos, julgamos, selecionamos, e esta maneira de enxergar o mundo vai se tornando normal , pois todos fazem ou agem assim, ou pelo menos a maioria. Esta relação com a vida nos leva a ter medo, a desconfiar, a não conhecer o Amor.

Quem nos educa para a Vida no sentido amplo da palavra? Quem são nossos modelos? Quem nos educa, a Escola ou a Família? De quem recebemos Valores? Questionamentos que muitas vezes invadem nossas mentes, principalmente, se há crianças pequenas em casa.

Educar está cada dia mais desafiador, pois não conseguimos parar para atender as necessidades básicas de nossas crianças. Precisamos trabalhar muito para comprar o melhor a nossos filhos, mas será que as crianças precisam de tantos objetos ou tempo e nutrição de qualidade com sua família? Vocês já pararam para sentir estas questões? Sentir! Porque se pensamos nos identificamos ao pensamento coletivo de que o “mundo é assim”.

É assim, ou estamos passando por um sono profundo, ou com as lentes dos óculos embaçadas?

Queremos aprender a ter Paz emocional e mental, autoconfiança e fé, amar, mas não nos oportunizamos a ouvir nossos corações, nossos filhos, nossos companheiros, nossos amigos, olhar as estrelas. Quem não se ouve, não se comunica bem com os outros. E qual é o valor mais importante de nossas vidas?

Viver e valorar a própria Vida este é o valor que acreditamos ser a base para que sejamos mais Humanizados e Felizes. Parece Utopia? E o que seria de Pachamama se não fossem as utopias e os sonhos.

Esta deveria ser a base para toda a educação. Surge deste valor a harmonia e a clareza, fontes de um amor em liberdade, de um amor integral, saudável sem sombra. E para quem seria direcionada esta educação?

Para todos queridos, desde os bebês até nossos abuelos, integrando cada ser e situação na grande Nação Pachamama, onde tudo é simples e fácil e onde misteriosamente tudo dá certo!Estas e outras perguntas têm feito parte de reflexões do grupo da Escola de Valores da Mística Andina.

Conheça a Escola Espiritual da Mística Andina no site www.misticaandina.com.br

LITERATURA EM FLOR

¡Y CON ESTRELLAS DANZÓ!

ALANA DÉDALOS

“El útero moreno de la Pacha, se ha embebido de soles y lunas, y con estrellas danzó una cumbia. Y, así, danzando, parió a todos sus hijos...Los ha anidado en su geografía húmeda y les tejó de vida, de risas, de creatividad, de sufrimiento y de olvido también... Les ha dado amparo, en los árboles, en las grutas, en la memoria. Los ha amamantado con leche de hogueras, tambores y danza. Les ha dado el presente divino de la imaginación y la memoria, y desde ahí, salió el río del idioma, donde los hombres nombraran a las nubes, y a la pureza de los ríos. E así nació la hija de los hombres, para enamorar a la Pachamama: la poesía, el canto, el arte...”

Es la poesía la más alta expresión del corazón. Un capítulo fundamental, básico, primario, eterno en la espiritualidad, pues nos abre a la sensibilidad, y nos hace conectar con el corazón en una otra manera.

Toda revolución tuvo sus poetas, toda danza fue expresada en poesía. Y es a la medida que nos hayamos esa revolución en la sensibilidad, que podremos hacer un cambio grupal planetario. Ni político, ni militar, ni económico, sino que los poetas, los cantores, los pintores, los sutiles tomarán el mando... y harán de esta vida una canción, una bella

poesía donde Maitreya viene y reconstruye a todo” (Lucidor Flores).

El Forum Rosaflor es un ancha olla de cobre en el fuego rojo de la literatura. El que quiere zambullirse allí tiene que desnudarse... descarsarse... lanzarse en donde el maestro guía danzando. En donde la vida asume guión, personajes, trama, tema, banda sonora y poesía... sabores que acarician el imaginario. En donde la vida huele a misterios y los misterios permanecen sin desvelarse.

Es una oportunidad de bailar... Un espacio que nos conduce a un paseo por entre cada lugarcito de Pachamama, y visitamos sus genios literarios e increíbles obras. El ayni aquí es soltar el control a lanzarse al universo mágico de las palabras.

“A que huele la vida? Quizá a la poesía de tu sentir, epopeyas de un pueblo olvidado, mariposas amarillas, que vuelan liberadas” (Lucidor Flores).

Un ejercicio colectivo de leitura de autores sensibles, diversos, excitantes; uma reflexão amplia y atractiva a explorar y a abrir la propia sensibilidad poetica; una danza que genera encantos, avenidas inexploradas de creatividad, deleite y candura em forma de poesías, escritos y cuentos como este:



DOS MILAGRES

O milagre não é dar vida ao corpo extinto, Ou luz ao cego, ou eloquência ao mudo... Nem mudar água pura em vinho tinto... Milagre é acreditarem nisso tudo!

Mário Quintana

POVO CALADO

VALENTIM AGUILAR

Um largo silêncio já se passava desde que o último grito se escutou naquele rincão. Era uma região fria, cheia de vales e de pequenos cerros, cortada por um arroio rasinho que mostrava o longo caminho até a cidade. Os habitantes daquele vilarejo, pouco mais de cinquenta pessoas, não lembravam ao certo do momento em que perderam a capacidade de falar. Nenhum deles era muito habilidoso com a escrita, por isso o acontecimento que causou aquela mudez disseminada ficou mal explicado através de gestos incompreensíveis e gemidos sem sentido. Sabia-se apenas que tinham perdido a voz depois do momento em que se ouviu aquele último grito. Notaram depois de alguns dias que até os cachorros já não conseguiam mais latir. Apenas de uma forma curiosa os passarinhos e os gatos continuavam com seus silvos e miados. Não se ouviam mais conversas no bar do Seu Nenê, as mulheres costuravam em silêncio, os amigos ao se encontrarem apenas se olhavam durante alguns instantes.

Eram poucas as pessoas que passavam por aquela região. O visitante mais ilustre era um senhor de terras, dono de grandes propriedades, que parava durante algumas horas para tomar um pouco de cachaça com butiá, comer uma linguiça e contar as notícias da cidade. Depois daquela última visita e de muito falatório consigo mesmo, ao ir embora sentiu que havia algo estranho naquelas pessoas, mas não se apercebeu que todos já não podiam mais falar.

Carlitos era homem feito quando aquilo sucedeu. Tinha as mãos grandes e ásperas, acostumadas com a lida do campo, e antes mesmo de perder a voz, já tinha um jeito peculiar de caminhar olhando para o chão. Era sobre a sua família que todos pensavam naqueles dias. Afinal de contas a sua mulher daria à luz a primeira criança após a mudez coletiva. Aquela gestação despertou certa esperança de que novamente alguém poderia falar naquele local. E talvez eles mesmos pudessem novamente recuperar a voz. Carlitos, homem sério e que não gostava de queixumes e lembranças antigas, não parava de pensar nas histórias que ouvia quando guri.

Lembrou até mesmo da imagem do velho andarilho e bêbado cruzando por aquelas bandas quando ele era criança. Um homem vestido com farrapos, mais judiado pelo tempo do que pela idade, que levava consigo um pequeno reboque carregado de pedaços de tudo que é tipo de coisa, inclusive de livros. Carlitos se lembrava daquele homem, marcante na sua infância pelo medo que lhe causava ao passar gritando:

- Carlitinhos, vai aprender a ler porque quem gosta apenas de terra é minhoca!

Amanheceu um dia frio e nublado, e as mulheres e a parteira já esperavam ansiosas por aquele momento. Depois de algumas horas de gemidos e silêncio, nasceu uma menina. Demorou alguns instantes, mas logo em seguida soltou seu primeiro grito chorado. Carlitos escreveu num papel surrado, que depois foi pregado na janela do rancho, o nome da filha, Esperanza, em homenagem a uma das avós. Nos primeiros dias as pessoas ficavam horas na porta da pequena casa para ouvir a criança chorando e gritando. Vieram muitos invernos gelados, e se não fossem as ervas de chá e as gemadas com vinho tinto a menina não tinha se criado. Cresceu livre e a campo fora, e se tornou uma criança forte e sadia. Carlitos notava que Esperanza podia falar, mas não havia gente que pudesse ensiná-la. A menina soltava apenas sons estranhos e imitava os barulhos do vento e dos gatos. Não conseguiam lhe ensinar nada. Decidiram então, a muito custo, entre gestos estranhos e gemidos, levá-la para ser criada na cidade. Lá pelo menos aprenderia a falar. Então Carlitos arrumou a carroça, apertou os arreios sobre o velho petiço Relâmpago e, junto com a menina, iniciaram a viagem. Não concordava com essa decisão de afastar a filha do lugar de onde havia nascido. Foi uma jornada longa e difícil. Esperanza no meio do caminho torceu o tornozelo, foi picada por uma cobra verde, teve febre, ficou birrenta e foi salva da fome pelo fiambre de salame com bolacha que a sua mãe tinha preparada para eles.

Chegaram à periferia daquela grande cidade, cheia de casas, carros, sons, pedras e cores. Carlitos sentia medo pela imensidão do lugar, e uma sensação incômoda de solidão em meio a tantas pessoas. Num misto de surpresa e decepção, reparou que as pessoas estavam todas caladas e cabisbaixas. E num rompante de desespero por tentar se comunicar arranhou até uma briga com o dono de um boteco, por achar que o homem não queria falar com ele. No fim do dia percebeu que a mudez disseminada também tinha se espalhado por aquele lugar. Voltaram para casa do vale frio e silencioso em que tinham nascido.

Chegaram esgotados pela viagem frustrada, e depois de comer uma sopa de pescoço de galinha com moela, ambos desmaiaram tanto cansaço. Esperanza dormiu um sono profundo naquela noite mais fria que de costume. Sonhou com uma mulher enorme, vestida num pala verde e marrom e com um ar maternal. Estava sentada aos seus pés escutando o canto de sua voz forte e vibrante. Acorudou daquele sonho estranho e ainda não sabia falar, mas Esperanza cantava.

Peregrininho



PEREGRINANDO PELO JAPÃO SEM SAIR DA CASAMAMA



Comunidade Campesina Espiritual Casamama Arco-íris – San Marcos Sierra, Córdoba (Argentina).

ESMERALDA MOLINA

MEDITE COM A GENTE

MEDITAÇÃO EM GRUPO: UMA BOA IDEIA, UMA PRÁTICA POSSÍVEL E COM ENDEREÇO CERTO!

MELUSINA IRIARTE

Desde 2003 fomentamos a criação de grupos de meditação pelas cidades do Brasil como uma forma de congregar as pessoas e, sobretudo, contribuir para que cada um possa experimentar a meditação como uma prática salutar em seu cotidiano. As meditações são semanais e se dão em grupos pequenos proporcionando um ambiente saudável e harmônico para aprofundar na essência do ser!

BRASIL

Fortaleza (CE)

> Quintas, 19:30, na Casa da Luz (Av. Santos Dumont, 1343, esquina com Barão de Aracati). (85) 88247472/87211132 (Kristiano)
> Domingos, 11:00, na Trilha das Azeitonas, do Parque do Cocó. (85) 96280463 (Zulema)

Distrito Federal

> Quartas, 20:30, no Instituto Shambala, CLN 214, Bloco C, lj. 48/52, subsolo. (61) 96443011 (Kalypso)

São Paulo (SP)

> Quartas, 17:30, na: USP - Praça do Relógio, próximo às pedras.
> Sábados, 10:30, no Parque da Aclimação, Rua Muniz de Souza, 1.119 (11) 953507408 (Lakshmi)

Curitiba (PR)

> Segundas, 20:00, no Espaço Cultivo - Av. Cândido de Abreu, 427, conj. 1106 - Centro Cívico. (41) 95644504 (Soraya) / (41) 9992-5023 (Astréia) / (41) 8862-0199 (Lorena)

Piraquara (PR)

> Quartas, 20:00, para local, entrar em contato. (41) 9509-0597 (Soraya) / Rosário (41) 98935155

Arroio Grande (RS)

Para horário, entrar em contato. Rua Joaquim Manoel Soares, 480. (53) 84382449 (Luz Clarita)

Caxias do Sul (RS)

> Quintas, 19:45, na Surya Núcleo de Yoga - Rua Irma Valiera, 324 - B. São Pelegrino. (54) 99736037 (Esther)

Jaguarão (RS)

> Um sábado por mês, 19:00, na Rua Marechal Deodoro, 279. (53) 9103.9091 (Ifigênia)

Porto Alegre (RS)

> Segundas, 20:00, no Casarão do Arvoredo, Rua Fernando Machado, 464. (51) 82316975 (Amankay)

Pelotas (RS)

> Segundas, 21:00, e Quartas, 20:15, no Centro Cultural Pachamama, Rua Quinze de Novembro, 1026. (53) 99815940 (Artemisa); 99823011 (Susi) e 99816529 (Caridad)
> Domingos, 18:00, na Comunidade Campesina Vale Sagrado do Arco-Íris - Alto da Cruz, 5. Distrito. (53) 81032874 (Nuit)

Rio Grande (RS)

> Terças, 20:00. Para local, entre em contato. (53) 99816529 (Caridad)

Santa Cruz do Sul (RS)

> Terças, 20:00, na Rua dos Gerânios, 175. (51) 91223196 (Márcia) e (51) 93228420 (Fionna)

Santa Maria (RS)

> Segundas, 20:00, na Rua Mariazinha Domingues, 125 ap. 06. (55) 32232939 e (55) 99494656 (Pillar)

São Lourenço do Sul (RS)

> Terças, 20:00, na Rua Borges de Medeiros, 2223 – Barrinha - Praia. (53) 91046553 (Ametista)



Florianópolis (SC)

> Quartas, 20:00, na: Aldeia Índigo - Av. Pequeno Príncipe, 1.202 - Campeche. (48) 99098707 (Ifigênia) e (48) 99041754 (Esperanza)

ARGENTINA

San Marcos Sierras (Córdoba)

> Dois sábados por mês, 18:00, no Rio San Marcos.
> Meditação com pintura. Dois sábados por mês, 17:00, na Comunidade Campesina Espiritual Casamama Arco-íris, Rincón. 03549 467599 (Rama)